



PAULO DO CARMO MARTINS

## O CONSUMO DE LEITE

**P**ara produzir leite de modo eficiente, é necessário vaca, pasto, acesso à tecnologia moderna e um sistema de gestão bem estruturado, não é mesmo? Mas, isso não é tudo. O fundamental, mesmo, é ter consumidor. Há muitos anos, aprendi esta lição com o ex-ministro Paolinelli. Quando eu era secretário municipal de Agricultura de Juiz de Fora, e ele, secretário de Estado, ele me disse que a tecnologia empurra a produção. Mas importante mesmo era o consumo, por puxar a produção.

Em 1980, o brasileiro consumia cerca de 100 litros de leite por ano, considerando todos os tipos de derivados lácteos, e não somente o leite fluido. Isso equivalia à metade do consumo *per capita* sugerido pela Organização Mundial de Saúde. Naquela época, a produção brasileira era escassa, e a renda das famílias, muito baixa. Portanto, para aumentar a produção, o que se imaginava é que o Governo deveria estimular o consumo.

Era época de preços tabelados. O Governo resistia muito em aumentar o preço, e isso desestimulava a produção. O leite pesava muito no cálculo da inflação. Logo, como forma de controlar a inflação, o Governo procurava segurar os preços ao consumidor. Em 1986, por exemplo, em valores de hoje, o leite tipo C era vendido no varejo de São Paulo a R\$ 1,69, ou 56% do preço de 1980. Aquele foi o ano da implantação do Plano Cruzado. Em 1990, ano de adoção do Plano Collor, mais uma vez o preço voltou a ficar baixo.

Esses planos de controle de inflação utilizaram mecanismos de controle de preços via “congelamento” e, de maneira artificial, fizeram com que houvesse queda no preço ao consumidor, somado ao controle temporário da inflação. Também, de modo artificial, o consumo *per capita* cresceu nos anos de adoção dos planos, mas isso não garantiu crescimento contínuo no consumo, pois, logo depois a inflação voltava.

Ao longo dos anos 80, o consumo médio anual de leite *per capita* no Brasil ficou em 98,5 litros. Em 1986, foi implantado o Plano Cruzado, que congelou o preço dos produtos lácteos no dia em que estava previsto um mega-aumento. Os produtos ficaram baratos, mas o que gerou o aumento do consumo foi a retirada da inflação. Nesse caso, pela primeira vez tivemos a percepção de que a inflação era a grande inimiga do consumo de lácteos.

Na década seguinte, os três primeiros anos não apresentaram modificações no padrão de consumo. Mas em 1994, foi implantado o Plano Real, que objetivou um controle gradual da inflação, sem o uso de tabelamento ou congelamento de preços. Em pleno plano de estabilização de preços e combate à inflação, o preço no varejo subiu 9,5% em seis meses, e já descontando a inflação. Isso demonstra que o Plano Real diferiu dos demais planos anteriormente adotados.

A inflação foi caindo lentamente, mas de modo consistente, o que refletiu no consumo de leite, diretamente. Em 1994, o consumo *per capita* cresceu para 110 litros por habitante. No ano seguinte, foi para 126 litros por habitante e, assim, continuou a crescer e deixamos para trás a média anual de 98,5 litros por habitante/ano da década anterior e passamos para 118,2 litros, que foi a média de consumo *per capita* dos anos 90.

Na primeira década do novo milênio, apesar de o preço do leite estar em patamares elevados, o consumo de leite *per capita* cresceu continuamente e a estimativa é de que já tenhamos chegado a 166 litros por habitante em 2012.

Existem três fatores que explicam este fenômeno. O primeiro é o controle de preços por meio de instrumentos econômicos, e não por tabelamento. Com a resultante queda da inflação, as famílias passaram a ter mais recursos disponíveis para consumir, já que a inflação retira dinheiro proporcionalmente mais daqueles que têm renda mais baixa e

não encontram mecanismos de proteção para o seu dinheiro. Sem tabelamento, o produtor aumentou a produção.

O segundo fator está relacionado com as políticas de transferência de renda que o Brasil vem adotando desde o final do milênio passado, a partir da adoção do Plano Real. O salário mínimo vem apresentando ganhos contínuos de poder de compra, pois está sendo reajustado a taxas superiores à inflação. Some-se a isso o programa Bolsa Família, que tem orçamento correspondendo a aproximadamente 2% do PIB. O terceiro fator está relacionado ao crescimento contínuo do PIB brasileiro a taxas superiores ao crescimento da população.

Tudo isso está levando a uma revolução no consumo brasileiro. O percentual de ricos no Brasil, representados por aqueles que estão nas classes A e B, mais do que duplicou em 20 anos, atingindo 11,8% da população. Já o percentual de pessoas na classe C cresceu consideravelmente. Em 1992, um em cada três brasileiros estava nesta categoria de renda. Agora, corresponde a mais da metade da população, o que cria um conjunto de cerca de 103 milhões de pessoas com maior poder para consumir.

Para os anos subsequentes, o consumo de leite no Brasil deverá continuar a crescer, por cinco motivos. O primeiro é que a população brasileira continuará a crescer a uma taxa de 0,8% ao ano. Portanto, mais consumidores. O segundo é que o consumo ainda está abaixo dos 200 litros por habitante/ano, recomendados pela Organização Mundial de Saúde e, portanto, alguém dos 270 litros do consumo *per capita* registrado em países do primeiro mundo. Estamos longe da saturação no consumo.

O terceiro motivo: o Brasil continuará a apresentar um crescimento do PIB acima do crescimento populacional, o que aumenta a renda *per capita* e cria um ambiente favorável para que seja possível manter um crescimento do consumo *per capita*. Há, ainda, a provável manutenção da política de transferência de rendas, o quarto motivo. Mas o quinto motivo é o definitivo: o Brasil continuará priorizando o controle da inflação! Este aspecto é fundamental para que se mantenha aquecido o consumo no setor de lácteos.

Por outro lado, doce de leite e manteiga, por serem pouco associados a alimentos saudáveis, terão redução no consumo. O mesmo é esperado para o leite em pó, mas por motivo diferente. É que a classe pobre e classe média no Brasil, quando têm aumento de renda, não aumentam o consumo de leite em pó. O leite fluido deverá manter crescimento positivo. Esse produto tem elasticidade de renda favorável em famílias com renda de até dez salários mínimos, que é o contingente de consumidores que vem crescendo em número de pessoas. Já o consumo de queijos deverá aumentar muito nos próximos anos.

Todavia, leite não é mais sinônimo de produto necessariamente sadio. Depois da operação Ouro Branco, da Polícia Federal, que detectou leite fraudado, a imagem do leite ficou maculada de modo definitivo. Ademais, ações de nutricionistas, médicos e propagandas bem articuladas têm apresentado o “leite”, ou melhor, o suco de soja como um produto muito atraente para os novos consumidores, que estão descobrindo neste produto a fonte de saúde outrora atribuída aos lácteos. Qualidade do leite e estratégia de marketing institucional precisam ser cuidadas para que a revolução no consumo de lácteos não corra sérios riscos. ■

*Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.*

**Apesar de o preço do leite estar em patamares elevados, o consumo per capita já deve ter chegado a 166 litros em 2012**

# BALDE BRANCO

**ENTREVISTA**  
**MAURÍCIO SALLES**  
analisando o leite no Rio de Janeiro

O Brasil e o mercado lácteo internacional



## MÃO DE OBRA

Na atividade leiteira, ganha mais quem tem empregados eficientes, treinados e motivados. A valorização desses fatores determina os indicadores de eficiência e produtividade

**Novo projeto investe em alta genética**

**Fatores de risco na saúde das bezerras**

**Custos de produção: como e por que calcular**